

Apresentação

O presente estudo não é um comum manual de história literária, mas sim um ensaio longo de roteiro das literaturas em língua portuguesa, que se distingue pela perspectiva de concepção e pelos parâmetros de elaboração. Com efeito, foi projectado com uma ambição duplamente insólita: a extensão no conspecto diacrónico dessas literaturas — desde as origens medievais até aos nossos dias (em rigor, até às vésperas da conclusão deste livro, na Primavera de 2019) — e a amplitude no panorama dos espaços transcontinentais da sua realização histórica (em Portugal e no Brasil, em Cabo Verde e em Angola, em São Tomé e Príncipe e na Guiné, em Moçambique e na Índia, em Macau e em Timor, até em diásporas actuais através da Europa e da América).

Outro aspecto insólito deste estudo reside no facto de contrariar o pendor tradicional para minucioso e dilatado tratamento das épocas mais distantes, em contraste com uma atenção mais sumária, se não apressada, à época contemporânea. No presente ensaio invertem-se as dimensões dos respectivos capítulos, com nítida expansão a partir da viragem para o século xx e decidida progressão pelos terrenos da literatura hodierna. Trata-se de uma orientação intencional, que creio justificada e fecunda. Por um lado, foi então que as literaturas portuguesa e brasileira tiveram o seu «século de ouro»; também foi então que se consolidaram ascendentemente as literaturas caboverdiana e angolana, se reforçaram e valorizaram as literaturas de Moçambique e de Macau, e se afirmaram em diferentes proporções as literaturas santomense e guineense, indostânica e timorense. Por outro lado, os promotores do projecto e o autor do texto convergiram na convicção de que esse relevo dado à arte literária da época contemporânea será mais aliciante para leitores da nova geração, sobretudo quando não tiveram o português como língua materna, nem se formaram na familiaridade com a tradição cultural lusíada.

Este ensaio longo não foi pensado e elaborado como junção de sequências autónomas de capítulos dedicados a cada uma das lusografias nacionais. Apresenta,

ao invés, visão e representação de um curso de criações estético-literárias que, derivando heterogeneamente da nascente galega-portuguesa, vai tendo ao longo dos séculos suas afluências e defluências, por vezes com fontes autóctones e destinos de diferentes identidades comunitárias (aliás, identidades plurais e abertas, em transição e migração). Assim procura captar e acompanhar um fluxo de águas vivas que, quanto mais se abre em inestancáveis deltas nacionais, mais parece dirigir-se para uma comunidade interliterária (na acepção de Dionýs Ďurišin).

Dadas as dimensões tão vastas desta cartografia das literaturas em língua portuguesa, não houve como evitar uma ou outra página que elenca nomes, títulos e datas — mormente no último capítulo, onde a economia editorial deste trabalho levou a que mais extensas análises de autores e obras fossem *pro tempore* reduzidas a rápidas sínteses ou referências. Mas este estudo não se entrega a um inventário atomizado dos factos literários, antes se rege por uma visão sistémica do devir diassincrónico dos estilos de época e do dinamismo peculiar do campo literário.

Nesse domínio, cuida em simultâneo de detectar e situar as tendências de correntes, grupos e individualidades, na sucessão daquelas dominantes que caracterizam os vários períodos e a importância relativa que neles vai cabendo a géneros e subgéneros literários e a discursos conformados em função de específicos destinatários (como o da chamada literatura infanto-juvenil). Não são rasuradas as tendências emergentes ou epigonais que coabitam com aquelas hegemonias estético-literárias em cada período e mormente nas fronteiras fluidas do seu dealbar ou do seu ocaso. Nem ficam esquecidas a palavra e a escrita de minorias de origem étnica, de classe social, de género ou orientação sexual, de periferias culturais, tal como os autores marginais nos circuitos de edição e recepção, ou inconformistas perante as instâncias do funcionamento institucional da literatura.

Além das exigências epistemológicas e metodológicas inerentes ao trabalho de periodização literária, este estudo atentou devidamente em que a diversa historicidade das literaturas aqui em causa veio potenciar as assincronias nos processos de gestação ou importação, de instauração ou de arrastamento, de certos estilos epocais. De igual modo, teve também em atenção que as diferentes condições políticas e linguísticas e os diversos contextos etno-culturais e sócio-culturais potenciaram as actualizações variadas dos paradigmas inspiradores, bem como a evolução da língua literária portuguesa, com a interferência de variantes idiomáticas, de fenómenos de criouliização, de transvases de outras línguas.

Para responder com o devido rigor à complexidade de tais intuitos, este estudo foi acentuando a densidade de conceitos e de dados, mas procurando não se tornar menos prestante para leitores de múltiplas latitudes e condições. Assim correspondeu ao extraordinário espírito de iniciativa do Instituto Politécnico de Macau e ao alto valor simbólico do seu compromisso com uma obra desta índole. De facto, este estudo exigiu largo tempo de trabalho e dedicação, mas só foi possível porque aquela instituição, que tanto tem feito pelo ensino do Português na China e na Ásia, decidiu dar o seu inestimável apoio a este projecto. É, pois, de inteira justiça que o autor exprima aqui profundo reconhecimento ao Instituto Politécnico de Macau, nas pessoas do actual Presidente e do seu predecessor.

1

As origens trovadorescas e cronísticas — entre Galiza e Portugal

A visão retrospectiva das origens da literatura portuguesa remonta ao quadro do enriquecimento do campo das letras na Baixa Idade Média, propiciado pela viragem cultural decorrente de factores da Alta Idade Média — o valor exemplar da protecção dispensada por Carlos Magno à cultura, os interesses dos senhores do feudalismo em processo de afirmação perante o poder real e a distinção, a partir dos *Juramentos de Estrasburgo* em 842, de falares distintos do latim — e traduzido na acção de diversas ordens religiosas, na fundação das universidades, no contacto com civilizações diversas (por meio das cruzadas e de outras deslocações), no incremento do comércio e da burguesia, no policiamento dos costumes.

Como noutros países europeus, também nos primórdios de Portugal surgem e irradiam escolas privadas e públicas à sombra de catedrais e de mosteiros, com seus *scriptoria* e seus cuidados nas letras sagradas e profanas, de tónica edificante, com destaque para Santa Cruz de Coimbra e Santa Maria de Alcobaça — ao mesmo tempo que o modo de viver da sociedade estamentária medieval se vai sedimentando em formas propícias à configuração de peculiar identidade comunitária na faixa ocidental da Península Ibérica, finisterra ocidental da Europa.

Partindo, em boa parte, de um fundo primitivo de cantares em forma de monólogos dramáticos, a literatura portuguesa manifesta-se primeiramente em textos de poesia lírica e satírica. Como tal, dela temos documentos desde meados do século XII, podendo estabelecer-se 1350 como termo *ad quem*; o seu apogeu situa-se no período alfonsino, correspondente aos reinados de D. Afonso III